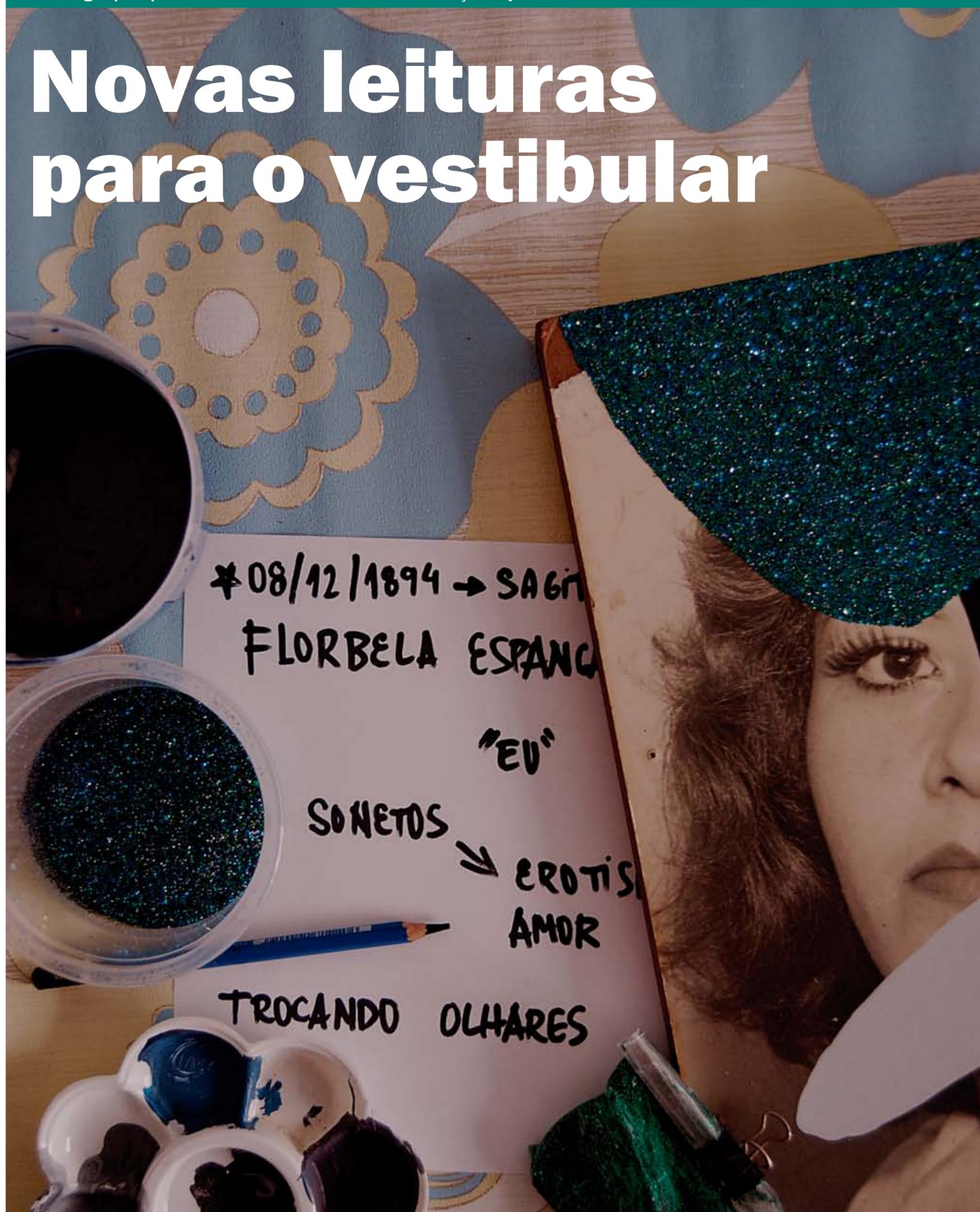


Novas leituras para o vestibular



O lugar da literatura na sociedade contemporânea é uma questão que se renova todos os dias quando esse tipo de conhecimento e de interação com a realidade se apresenta diante de nós. Nesse sentido, a Universidade redireciona todos os anos o seu olhar para o mundo das letras com a seleção de um conjunto de leituras obrigatórias para os vestibulandos.

Para 2019, três autores foram incluídos pela primeira vez: a portuguesa Florbela Espanca, a maranhense Maria Firmina dos Reis e o inglês William Shakespeare. Essa escolha da instituição leva um número significativo de jovens a buscarem conhecer mais profundamente autores, obras e ideias. É daí que surgiu a proposta de

o JU realizar uma série de reportagens – publicadas originalmente entre junho e agosto deste ano.

É possível ver um movimento de valorização da escrita por mulheres com perfis bastante distintos. A presença de uma mulher negra, de origem pobre e nordestina aponta para uma preferência pela diversidade social e cultural.

Ainda, a inclusão de Shakespeare revela o quanto o olhar para uma produção literária mundial pode ser a chave para a ampliação da experiência de leitura do jovem brasileiro. Nada mais consagrado do que o autor canônico que ultrapassou as fronteiras de seu país, atravessou séculos e já foi interpretado das mais diversas formas.

Para estas matérias, convidamos três artistas que criaram obras especificamente para acompanhar os textos. Com total liberdade criativa, usaram as obras e as biografias dos autores como norte para a criação. Agora, com o sarau Vozes femininas dissonantes, durante a Feira do Livro, encerramos o ciclo deste projeto.

Fica o desejo de que este conjunto de ações da UFRGS no qual o JU se engajou sirva de estímulo para que esses autores sejam mais lidos, mais conhecidos e mais discutidos tanto por aqueles envolvidos com o vestibular quanto por outras pessoas.

Boas leituras!



A busca pelo amor em Florbela Espanca

Fanatismo

Minh'alma, de sonhar-te, anda perdida.
Meus olhos andam cegos de te ver.
Não és sequer razão do meu viver
Pois que tu és já toda a minha vida!

Não vejo nada assim enlouquecida...
Passo no mundo, meu Amor, a ler
No mist'rioso livro do teu ser
A mesma história tantas vezes lida!...

“Tudo no mundo é frágil, tudo passa...
Quando me dizem isto, toda a graça
Duma boca divina fala em mim!

E, olhos postos em ti, digo de rastros:
“Ah! podem voar mundos, morrer astros,
Que tu és como Deus: princípio e fim!...”

“Ela é romântica, é parnasiana, porque o soneto é uma forma parnasiana, e é modernista na temática. Inclusive supera o modernismo na liberdade amorosa que canta. Ela está à frente do seu tempo”. Assim Jane Tutikian, professora do Instituto de Letras da Universidade, define a escritora portuguesa que teve 22 sonetos incluídos como leituras obrigatórias para o próximo vestibular da UFRGS. Para cada um dos escritores abordados na série *Leituras Obrigatórias 2019 - Novos Autores*, o JU convidou artistas visuais a produzirem uma imagem exclusiva. Em diálogo com este texto, trazemos o trabalho de Adauany Zimovski.

Vida e obra - Florbela nasceu em 1894 e desafiou os costumes da época. “Desbravadora, é a primeira mulher que faz o curso de direito em Portugal. Ela tem essa característica, que, naquele momento, é de pioneirismo. Acho que os avanços das questões feministas foram muito grandes, mas existem questões que não foram resolvidas, então isso torna extremamente importante o resgate da sua obra”, avalia Jane.

A autora viveu em uma época em que “mulher não escrevia. Se escrevia, não publicava e, se publicava, não participava dos círculos literários”, sintetiza a docente, que ressalta cinco pontos essenciais para estudar a obra de Florbela Espanca: a forma usada (o soneto), o tema (amor) e três características de seu comportamento: erotismo, narcisismo e don-juanismo. “O entendimento desse perfil da Florbela vai constituir uma surpresa e até um desafio para quem a ler. Por outro lado, se for lida com atenção, existe um ciclo bem determinado em sua obra. Ela busca o sujeito amoroso, se apresenta como ‘a pele âmbar, as mãos macias’, o narcisismo está todo aí. Ela se apresenta como quem busca o ser amoroso. Encontra o homem, perde o homem, aí aparece o don-juanismo: ‘quero amar, amar alguém aqui, além, amar a todos e não amar ninguém’. E vai completar esse ciclo buscando esse amor que ela não consegue encontrar, que é o amor de Deus. Então, no momento em que se consegue fazer, através da leitura dessas poesias, o ciclo amoroso na vida da Florbela, tudo começa a ganhar sentido.”

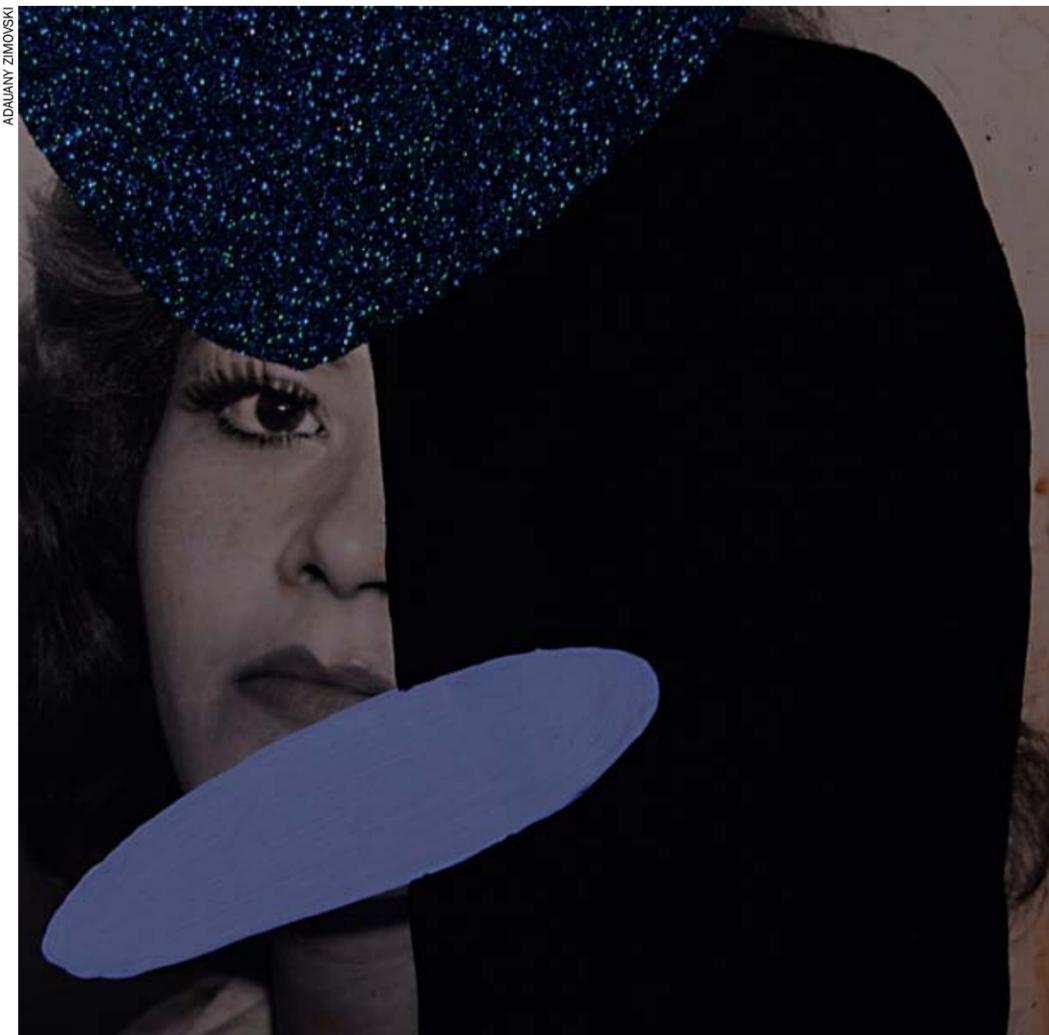
A autora portuguesa teve uma vida conturbada, que soube explorar em sua produção literária. A poeta era fruto de uma relação extraconjugal de seu pai, que teve permissão da esposa, estéril, para ter filhos fora do casamento. Florbela e o irmão, Apeles, moravam com o pai, mas não eram reconhecidos por ele como filhos.

Ainda criança, começa a apresentar sinais de transtorno nervoso diagnosticado como neurastenia, condição que dá nome a um de seus poemas. Aos 13 anos, dedica seu primeiro conto à mãe, que acabaria por falecer no ano seguinte. Casou-se três vezes, sendo que em seu primeiro casamento estava com 19 anos – relação que sofreu grande abalo por ocasião de um aborto involuntário que acabou comprometendo sua saúde física e mental. Mas os fatos que agravaram o quadro de depressão da autora foram a morte do irmão aos trinta anos de idade, em 1928, em um desastre aéreo, e a descoberta de um edema pulmonar. Florbela Espanca cometeu suicídio em 8 de dezembro de 1930, dia de seu trigésimo sexto aniversário, depois de duas tentativas, tendo publicado apenas dois livros.

Seleção - A escolha das leituras obrigatórias do vestibular da UFRGS é feita por uma comissão de professores do Instituto de Letras. As trocas na lista são pensadas de forma a abordar pelo menos uma obra de cada gênero literário: conto, romance, poesia e teatro, além da canção, que passou a fazer parte da prova em 2015. Também existe a preocupação de incluir pelo menos um artista gaúcho para contemplar a literatura regional, e um português, pois “a literatura brasileira nasce da portuguesa”, explica a professora Márcia Ivana de Lima e Silva, integrante da comissão. Nessa mesma perspectiva, decidiu-se pela inclusão de traduções a partir da prova de 2019. “A literatura traduzida é parte do contexto literário nacional, porque os autores leem e se relacionam com as leituras”, assinala.

Cada título selecionado permanece por três vestibulares na lista de leituras da prova de Literatura. Florbela Espanca substitui seu conterrâneo Fernando Pessoa. Mas a nacionalidade foi apenas um dos fatores que levou à escolha da autora. “Optamos, conscientemente, por trazer mais mulheres para dentro do cânone. A ideia é que haja uma paridade maior; por enquanto, são oito homens e quatro mulheres”, ressalta a professora. Além disso, a escritora tornou-se um dos principais nomes da literatura portuguesa do século XX, mesmo sem reconhecimento em vida. “Ela é um dos quatro grandes nomes da poesia portuguesa, junto a Luís de Camões, Antero de Quental e Bocage”, destaca Jane.

Emerson Trindade Acosta
estudante do 8.º semestre
de Jornalismo da UFRGS



ADAUANY ZIMOVSKI

Representatividade negra em Maria Firmina dos Reis

“Mesquinho e humilde livro é este que vos apresento, leitor.” É assim que Maria Firmina dos Reis abre o romance *Úrsula*, que data de 1859. Nascida na ilha de São Luís, no Maranhão, no ano de 1822, a autora é pioneira ou até mesmo revolucionária em diversos aspectos, não só na literatura brasileira, como na vida em sociedade da época. Foi a primeira mulher a ser aprovada em concurso público para o cargo de professora do primário. Mais ainda: era mulher, e mulher negra, em um período marcado pelo regime escravocrata e pelo paternalismo. Sustentava-se sozinha, tinha espaço nos jornais da época com seus escritos e publicou o romance que será uma das leituras obrigatórias da UFRGS em 2019. A partir desses elementos da vida e obra da escritora, o artista visual Luan Dresch criou a imagem que acompanha esta reportagem.

Com tanto protagonismo e história, por que então Maria Firmina dos Reis é tão pouco estudada na literatura, principalmente dentro das escolas, e fica de fora do cânone? Ademais, o que poderia significar esse prefácio que denomina a própria obra como “mesquinha”? – ainda que, no prosseguimento da abertura, Maria Firmina expresse a intenção de “dar a lume” o romance independentemente do “indiferentismo glacial de uns” e do “riso mofador de outros”.

Resgate – A professora Régia Agostinho, do Departamento de História da Universidade Federal do Maranhão, relata o esquecimento da escritora após sua morte, ainda que reconhecida por figuras do período em seu estado. A relativa “perda” da obra de Maria Firmina é um dos fatores que contribui para o seu desconhecimento no país. “Em 1975, Nascimento de Moraes Filho e Horácio de Almeida, o qual encontra *Úrsula* num sebo do Rio de Janeiro em 1962, prepararam uma edição fac-similar. Em sua pesquisa descobrem que *uma maranhense* – como estava assinado no livro – era Maria Firmina dos Reis. A partir desse período, ela retorna para os estudos acadêmicos para ter a merecida notoriedade”, conta a docente.

De acordo com Régia, a permanência em solo maranhense pode ser outro motivo para que Maria Firmina não tivesse maior alcance: “Escritores como Gonçalves Dias e Castro Alves, ambos nordestinos, mudaram-se para os grandes centros: São Paulo e Rio de Janeiro”, complementa a professora. Ela aponta, também, o fato de a escritora ser mulher e negra – algo que Roberta Flores Pedrosa, mestra em Literatura pela UFRGS, afirma ser o principal motivo para o seu

apagamento por todo esse tempo. Para ela, é também o que norteia a interpretação do prefácio. “Não tem como não levar em consideração a vida dela: é uma mulher fora daquele século. Sua capacidade intelectual ultrapassa o comum da literatura daquele momento, que consistia em apenas apresentar um prólogo. No prefácio, para mim, há uma forte ironia”, declara Roberta. É provável, seguindo esse raciocínio, que abrir *Úrsula* dessa maneira fosse um subterfúgio linguístico de sofisticada ironia para quem conhecia muito bem seu espaço e seus leitores.

À frente de seu tempo – Os registros dos jornais do Maranhão evidenciam a presença da obra, com congratulações à mulher por tê-la escrito, porém sem análise consistente; há, portanto, certo distanciamento por parte do círculo masculino de literatos.

Algemira Mendes, professora na Universidade Estadual do Piauí e doutora em Letras pela PUCRS, entende o romance como “um contraponto ao que era escrito na época, aos modelos de romantismo até então”. Ainda que tenha a presença da religiosidade e do nacionalismo, desprende-se do tradicional final feliz. “O livro é romântico pelo fio condutor, do folhetinesco entre *Úrsula* e Tancredo, mas com uma nova proposta de término da trama. Há quem diga que seria um romance gótico, mas é discutível”, analisa Algemira.

A professora tematiza a forma como Maria Firmina dá voz ao negro – diferente de obras consideradas abolicionistas, como *Navio Negreiro*, de Castro Alves. Está em discussão, inclusive, se o romance *Úrsula* seria escravista ou abolicionista. Já Roberta Pedrosa diz que, independentemente de algumas questões técnicas, como a classificação do romance – gótico, romântico ou realista –, importante é que, hoje, “*Úrsula* tem leitores. E leitores negros”. “Maria Firmina traz as memórias da mãe Susana e do pai Antero, que vieram direto da África, nessa figura do griô, que é o personagem sábio de mais idade. Essas personagens, somando-se a Túlio, em minha opinião, são as verdadeiras protagonistas do romance”, afirma.

Úrsula mostra-se uma obra de humanização do escravizado. Roberta ressalta a “autonomia das personagens negras no sentido de falarem suas experiências sem o intermédio de um narrador”, numa época em que os leitores eram majoritariamente brancos.

Ricardo Santos,
estudante do 8.º semestre
de Jornalismo da UFRGS

“Meteram-me a mim e a mais trezentos companheiros de infortúnio e de cativo no estreito e infecto porão de um navio. Trinta dias de cruéis tormentos e de falta absoluta de tudo quanto é mais necessário à vida passamos nessa sepultura até que abordamos as praias brasileiras.”



LUAN DRESCH



Os sentimentos universais em Shakespeare

“Hamlet: A Dinamarca é uma prisão!

Rosencrantz: Então o mundo também.

Hamlet: Uma enorme prisão, cheia de células, solitárias e masmorras – a Dinamarca é das piores.

Rosencrantz: Não pensamos assim, meu senhor.

Hamlet: Então pra vocês não é. Não existe nada que seja bom ou ruim: o que faz as coisas parecerem assim é o pensamento. Pra mim é uma prisão.”

“Ser ou não ser, eis a questão.” A famosa expressão, que até hoje, trezentos anos depois, recebe diversas interpretações – tendo sido parodiada, inclusive, pelo manifesto antropófago dos artistas modernistas brasileiros: “Tupy or not Tupy, that is the question” –, está em uma das obras mais celebradas do dramaturgo e ator inglês William Shakespeare: *Hamlet*. As peças do “velho bardo”, nascido em 1564, ainda são um campo de pesquisa na literatura, na psicologia e nas artes cênicas pelos temas universais e atemporais. Na próxima edição do vestibular da UFRGS, *Hamlet* será o único texto selecionado que não pertence à literatura de língua portuguesa. Isso porque, agora, a Universidade passa a denominar a prova Literatura em Língua Portuguesa, o que possibilita a utilização de traduções de obras relevantes. Baseada na história, a artista visual Ana Paula Pollock criou a arte que acompanha o presente texto.

A trama se passa na Dinamarca do século IX e é construída em cinco atos. Depois de voltar da Inglaterra, o jovem príncipe Hamlet fica sabendo que o fantasma de seu pai tem rondado o reino para falar com ele. Quando o antigo rei conta que Cláudio, seu irmão, agora casado com a mãe do príncipe, o assassinou para roubar o trono, Hamlet começa a fingir-se de louco para arquitetar sua vingança, que culmina na morte de quase todas as personagens principais. Segundo a professora de língua inglesa do Instituto de Letras da UFRGS Sandra Maggio, as temáticas abordadas nas obras de Shakespeare geram identificação com os leitores e espectadores, mesmo depois de tantos anos. “Ele é um grande criador de tipos: imediatamente ligamos suas personagens a emoções básicas que qualquer ser humano conhece.” Assim como a vingança é associada a Hamlet, a ambição está em Macbeth, e o amor, em Romeu e Julieta.

Voz alta – “Shakespeare não é apenas para ler, é para assistir também.” É assim que o professor da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e tradutor de *Hamlet* para o português Lawrence Flores Pereira define a experiência de tomar contato com o texto do dramaturgo. Por ser uma peça de teatro, não há a presença do narrador que conduz a história: a cada cena, o leitor precisa visualizar as personagens atuando no imaginário. Por isso, Lawrence recomenda que a obra seja lida em voz alta. “Você refaz o teor emotivo das falas e refaz a ironia, o sarcas-

mo, a tristeza”, detalha. Segundo o tradutor, as peças de Shakespeare apresentam criações complexas, como Hamlet que, ao longo da peça, encena outras personalidades, o chamado “teatro do engano”. “O príncipe reflete a complexidade moderna, trazendo alguns elementos psicológicos. A determinação de se vingar, por exemplo, esbarra na necessidade que ele tem de convencer a mãe de que sua vingança é justa. Ele consegue atuar na frente de Polônio [conselheiro do tio e pai da amada Ofélia], mas nunca para a mãe”, explica.

Além da capacidade de representar os sentimentos humanos, o dramaturgo contribuiu para a língua inglesa. De acordo com Sandra, depois de Shakespeare, sua estrutura, seu formato e sua morfologia se modificaram. “Como estratégia de sonoridade, por exemplo, se a frase estava muito comprida, ele engolia uma sílaba e trocava por apóstrofe. Se ficava muito curta, ele acrescentava uma sílaba (ed, eth)”, explica.

Modos de falar – Por meio da linguagem, Shakespeare também dá o tom de suas personagens. Em *Hamlet*, um diálogo entre Ofélia e seu pai, Polônio, deixa claro como o jeito de falar foi pensado para que o público logo entendesse quem eles eram. “Polônio fala a linguagem do sabichão, do homem que conhece a vida. Já Ofélia, que é jovem, fala muito menos e de um jeito cadenciado, nos moldes da poesia lírica da época, o que demonstra que ela tem a idealidade do amor”, esclarece Lawrence. Apaixonada pelo príncipe, Ofélia enlouquece após a morte do pai e comete suicídio.

Ao longo dos anos, as obras de Shakespeare foram adaptadas de acordo com o contexto da época. Atualmente, a influência de *Hamlet* é facilmente percebida em produções como o desenho *O Rei Leão*, dos estúdios Disney, e o livro *Enclausurado*, de Ian McEwan, em que o narrador-feto escuta do útero os planos da mãe e do tio para matar o pai.

Para Sandra, a leitura de *Hamlet* proporciona, além do conhecimento histórico, a renovação e a permanência do clássico. “Revisitar essa obra que foi criada há 419 anos, a partir da nossa compreensão de hoje, possibilita novos horizontes de interpretação. Isso nos ajuda a reavaliar verdades e valores”, conclui.

Bárbara Lima,
estudante do 5.º semestre de
Jornalismo da UFRGS

ANA PAULA POLLOCK



UFRGS
UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO GRANDE DO SUL
Av. Paulo Gama, 110 - Bairro Farroupilha,
Porto Alegre - RS | CEP 91046-900
Fone: (51) 3308-7000 | www.ufrgs.br

Reitor
Rui Vicente Oppermann
Vice-reitora
Jane Fraga Tutikian
Chefe de Gabinete
João Roberto Braga de Mello
Secretário de Comunicação Social
André Iribure Rodrigues
Vice-secretária de Comunicação Social
Édina Rocha

JORNAL DA UNIVERSIDADE
Publicação mensal da Secretaria de Comunicação Social da UFRGS
Fones: (51) 3308-3368 / 3308-3497
E-mail: jornal@ufrgs.br

Conselho Editorial
Alex Niche Teixeira, Ánia Chala, Angela Terezinha de Souza Wyse, Antonio Marcos Vieira Sanseverino, Carla Maria Dal Sasso Freitas, Cida Golin, Flávio Antônio de Souza Castro, Michèle Oberson de Souza, Ricardo Schneiders da Silva, Rosa Maria Bueno Fischer
Editor-chefe Everton Cardoso
Editora-executiva Jacira Cabral da Silveira
Editor-assistente Felipe Ewald

Repórteres Ánia Chala, Felipe Ewald, Jacira Cabral da Silveira e Samantha Klein
Diagramação Carolina Konrath
Boisistas (Jornalismo) Bárbara Lima, Carolina Pasti, Emerson Trindade Acosta, Isabel Linck Gomes e Natalia Henkin
Estagiários Henrique Moretto e Lucas Borghetti
Circulação Douglas de Lima
Impressão Gráfica da UFRGS
Tiragem 1000 mil exemplares
O JU não se responsabiliza pelas opiniões expressas pelos autores em artigos assinados.
f i t journalufrgs